



Marcel Proust

Reprodução

SILVA, Carla Cavalcanti e. *Unidade e fragmento: uma leitura da composição proustiana a partir dos cadernos 53 e 55 de Albertine*. 2010. 410f. Tese. (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Valter José¹

tese de Carla Cavalcanti e Silva, *Unidade e fragmento: uma leitura da composição proustiana dos cadernos 53 e 55 de Albertine*, não é apenas um desses trabalhos rigorosos e acadêmicos de quem vê a literatura de modo apenas científico como se ela fosse um objeto de estudo como qualquer outro. Sua autora não quer apenas engrossar a fila dos apenas corretos e dos especialistas, quer também se aliar aos adeptos das obsessões proustianas com as imagens maravilhosas e com os defensores do prazer do texto.

O objetivo do trabalho é discutir a composição de o *Em Busca do Tempo Perdido* a partir da constatação paradoxal da autora, presente no resumo da tese, de que o romance, embora seja incontestavelmente uma obra inacabada, não se trata, entretanto, de uma obra incompleta.²

Para cumprir o que promete a tese escolhe dois caminhos, que acabam se complementando. Em um deles, ela é uma investigação bem rigorosa sobre os manuscritos, em que a preocupação

¹ Doutor em Filosofia e Pós-doutorando pela FFLCH – USP. E-mail: valterjose@hotmail.com

² Resumo.

é com a composição da escritura proustiana, com suas correções e recorções maníacas a propósito da construção da história de amor entre o narrador de o *Em Busca do Tempo Perdido* e Albertine.

Entretanto a autora toma a crítica genética, a meu ver, como início, como régua e compasso até fazê-la tornar-se uma mera coadjuvante. Porque sua intenção é avançar no sentido do pensamento proustiano. Um pensamento que cria e vive a sua própria formação e sua própria história, história ao mesmo tempo escritural e romanesca.

Mas Carla Cavalcanti não está interessada na filosofia proustiana, nem está também interessada em uma espécie de filosofia proustiana da composição à Edgar Allan Poe, por exemplo. Porque sabe que Proust se afastou do “eu” filosófico, esse ente estranho ao estilo e ao romanesco que se coloca a serviço da inteligência, que se coloca sempre de fora, que se coloca à distância do verdadeiro sentir e do verdadeiro “ver”, e que, finalmente, se coloca em uma planície onde não existem nem criação, nem profundidade espiritual.

Para traçar a história escritural, a autora parte para o estudo da composição dos cadernos 53 e 55, que se refere à construção da história de Albertine. E parte também para um diálogo de alto nível com os comentadores proustianos como Kazuyoshi Yoshikawa, Jo Yoshida e outros. Esse trabalho já é ótimo, mas ela não está contente ainda, pois, como uma proustiana convicta, sabe que o *Em Busca do Tempo Perdido* não é apenas uma obra. O *Em Busca do Tempo Perdido* é uma literatura, mais: O *Em Busca do Tempo Perdido* é a Literatura. É a Literatura como um Absoluto. Literatura = Absoluto, para lembrar a fórmula de Fichte: Eu = Absoluto.³

Proust, como Borges e Mallarmé (que escreveu que tudo existe para se tornar um livro), sente a Literatura do mesmo modo que os panteístas sentem a presença de Deus em seus hábitos e em suas vidas.

Portanto a autora acerta quando vai aos manuscritos, quando abraça com carinho a oportunidade de se aproximar amorosamente dos cadernos com suas correções e rabiscos. Pois eles não são signos, mas são, de modo panteístico e monadológico, o próprio *Em Busca do Tempo Perdido*.

Só aproveita o Paraíso quem o vê como a prisão que lhe dá a liberdade absoluta. A meu ver, deve ser essa a verdade de todo leitor, estudante e pesquisador da obra proustiana deve ter em mente. Assim, ele poderá habitar essa obra como um mundo onde se habita poeticamente. E Carla Cavalcanti e Silva parece seguir essa via quando escreve: “Se pudéssemos resumir a composição da *Recherche* em poucas palavras, diríamos que seu projeto e sua execução são catedralescos (...)”.⁴

Pois a catedral como metáfora do projeto artístico proustiano mostra o sentido da Literatura como um Absoluto, com todas as suas pequenas e grandes exigências.

É Proust quem escreve:

Como seria feliz quem pudesse escrever tal livro, pensava eu; que trabalho teria diante de si! Para dar dele uma idéia, seria mister buscar comparações nas artes mais diversas e mais altas; porque esse escritor, que, aliás, de cada caráter deveria apresentar as faces opostas, para conferir peso e solidez a seu livro precisaria

³ Querendo usar a fórmula Escritura = Absoluto. Esteja à vontade.

⁴ Tese *Unidade e Fragmento*: uma leitura da composição proustiana a partir dos cadernos 53 e 55 de Albertine, p. 30.

prepará-lo minuciosamente, com constantes reagrupamentos de forças, como em vista de uma ofensiva, suportá-lo como uma fadiga, aceitá-lo como uma norma, construí-lo como uma igreja, segui-lo como um regime, vencê-lo como um obstáculo, conquistá-lo como uma amizade, superalimentá-lo como uma criança, criá-lo como um mundo, sem desprezar os mistérios que provavelmente só se explicam em outros mundos, e cujo pressentimento é o que mais nos comove na vida e na arte. Nos grandes livros dessa natureza, há partes apenas esboçadas, que não poderiam ser terminadas, dada a própria amplidão da planta arquitetônica. Muitas catedrais permanecem inacabadas.⁵

A Literatura não é um objeto para ser dissecado e analisado seguindo a dicotomia “sujeito-objeto”, pois, nela, o sujeito está em recriação assim como também o objeto, ambos igualmente tempo em eterna redescoberta. Portanto uma “análise” do *Em Busca do Tempo Perdido* é também um mergulho no Absoluto, no originário, no sem gênese.⁶

Mergulhar aqui tem o sentido de se fazer envolver pela obra, de deixar a própria sensibilidade entrar no espírito de produção que a obra contém. O *Em Busca do Tempo Perdido* faz Carla Cavalcanti e Silva seguir esse caminho, pois ela, dando provas de sensibilidade, produz lindas joias de ensaísmo. Grandes momentos de sensibilidade de inspiração proustiana.

O capítulo 2 (A unidade no vestido) e o capítulo 3 (“La fenêtre éclairée” e a escritura constelar) mostram esse fato.

No capítulo 3, por exemplo, ela analisa o episódio da janela iluminada em que o narrador, ao voltar de uma festa, vê da calçada a luz acesa da janela de sua amada Albertine. O que faz com sua alma se encha de tristeza e ciúme.

Carla Cavalcanti e Silva consegue, estudando a composição desse episódio, a partir de um artigo de Marie Miguet-Ollagnier, intitulado “Les inflexibles barreaux d’or”, que vê nele a influência da novela “Le Rideau cramoisi” do livro *Les Diaboliques*, de Barbey d’Aurevilly, uma escritura sóbria e ao mesmo tempo rigorosa com momentos deliciosos, pela leveza e singeleza das frases. Aqui vão algumas delas:

Para Proust, a genialidade de uma obra artística reside nessa repetição de elementos, que faz com que o autor, mesmo tendo escrito diversos romances, realize uma obra única, introduzindo no mundo essa beleza singular trazida por seus livros. Em Barbey, esses elementos são a cor vermelha, a ancianidade dos antigos costumes, das velhas palavras, as cidades normandas tomadas de Inglaterra, a fisiologia dos personagens etc. Esses componentes promovem unidade, correspondência entre as obras, e compreendemos que, para Proust, o que há de mais modelar em Barbey é a unidade que perpassa suas obras.⁷

⁵ PROUST, Marcel. *O Tempo Redescoberto* (vol. 7 de *Em Busca do Tempo Perdido*). Tradução de Lúcia Miguel Pereira. Porto Alegre; Rio de Janeiro: Ed. Globo Porto, 1981, p. 240.

⁶ Embora algumas datas sejam importantes para o entendimento da construção dessa obra monumental, é tarefa quase impossível estabelecer sua gênese textual. (*Unidade e Fragmento*: uma leitura da composição proustiana a partir dos cadernos 53 e 55 de Albertine, p. 40).

⁷ *Unidade e fragmento*: uma leitura da composição proustiana a partir dos cadernos 53 e 55 de Albertine, p. 117.

Sabemos o quanto Proust admirava as escrituras femininas de George Sand e Madame de Sévigné, como admirava nelas a leveza, a sensibilidade e a clareza das imagens. Essas qualidades podem também ser admiradas em vários momentos dessa ótima tese de doutorado de Carla Cavalcanti e Silva, uma jovem ensaísta em flor.